Revista Educação & Cultura contemporânea
Universidade Estácio de Sá
Programa de Pós-Graduação em Educação
ISSN: 2238-1279

CULTURA CAIPIRA: RUPTURAS E PERMANÊNCIAS E SUAS POTENCIALIDADES EDUCACIONAIS NO ENSINO BÁSICO

CAIPIRA CULTURE: RUPTURES AND PERMANENCES AND ITS EDUCATIONAL POTENTIALS IN BASIC EDUCATION

CULTURA CAIPIRA: RUPTURAS Y PERMANENCIAS Y SUS POTENCIALES EDUCATIVAS EN LA EDUCACIÓN BÁSICA

Getúlio de Souza Lima[1]

Código DOI

Resumo

O presente artigo buscou analisar as possibilidades pedagógicas no ensino básico partindo de um segmento abstraído da cultura regional, na qual a comunidade escolar está inserida, e cujo enfoque nas tradições caipiras foi objeto de estudo em uma unidade escolar de ensino público. Assim, o trabalho objetivou tecer reflexões sobre as transmutações culturais da sociedade contemporânea. Como contraponto e resistência ao predomínio hegemônico da cultura digital hodierna, em detrimento da preservação das tradições caipiras e dos valores nelas implícitos, propôs-se a articulação curricular entre escola e comunidade, como meio de apropriação crítica do conhecimento histórico em sua totalidade, considerando-se as peculiaridades locais. Os resultados apontam as carências de investimento em estudos sobre Memória Local/Regional, pelos quais os sujeitos históricos se encontram situados culturalmente dentro da própria comunidade escolar.

Palavras-chave: Cultura caipira. Educação. Indústria cultural. Tradições regionais.

Abstract

This article aimed to analyze the pedagogical possibilities in basic education starting from an abstracted segment of the regional culture, in which the school community is inserted, whose focus on country traditions was the object of study in a public education school unit. Thus, the study aimed to reflect on the cultural transmutations of contemporary society. As a counterpoint and resistance to the hegemonic predominance of today's digital culture, despite the preservation of country traditions and the values implicit in them, curricular articulation between school and community was proposed as a means of critical appropriation of historical knowledge in its entirety, considering local peculiarities. The results point to a lack of investment in studies on Local/Regional Memory, whereby historical subjects are culturally situated within the school community itself.

We present here the guidelines for formatting and submitting articles. The abstract should be between 650 and 1000 characters. The text must be justified, in Calibri 12, single-spaced, and written in a single

[1] Centro Universitário de Fernandópolis, Fernandópolis, SP, Brasil. Email: getuliolimaprof@gmail.com | Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0217-8887.

paragraph, providing sufficient information to state the general theme, research approach, and main results. This document serves as a reference for article formatting, which will be reproduced as submitted by the authors. The first page must contain the header, the title in Portuguese, and its English and Spanish versions, along with the keywords.

Keywords: *Country culture. Education. Cultural industry. Regional traditions.*

Resumen

Este artículo ha buscado analizar las posibilidades pedagógicas en la educación básica a partir de un segmento abstraído de la cultura regional, en el que se inserta la comunidad escolar, cuyo enfoque en las tradiciones del país fue objeto de estudio en una unidad escolar de educación pública. Así, el objetivo del trabajo fue reflexionar sobre las transmutaciones culturales de la sociedad contemporánea. Como contrapunto y resistencia al predominio hegemónico de la cultura digital actual, en detrimento de la preservación de las tradiciones del país y los valores implícitos en ellas, se propuso la articulación curricular entre escuela y comunidad, como medio de apropiación crítica del conocimiento histórico en su totalidad, considerándolo peculiaridades locales. Los resultados apuntan la falta de inversión en estudios sobre Memoria Local/regional, donde los sujetos históricos se sitúan culturalmente dentro de la propia comunidad escolar.

Palabras clave: *Cultura caipira. Educación. Industria cultural. Tradiciones regionales.*

Introdução

A educação escolar, assim como todo segmento do conjunto social no transcorrer das últimas décadas, tem-se condicionado a implicações, sendo estas as benesses e as intempéries mercadológicas das transformações decorrentes das inovações tecnológicas, sobretudo nos meios de comunicação de natureza digital, os quais se tornaram uma espécie de extensão do ser humano.

Por outro lado, as representações socioculturais dos indivíduos têm sido uma condicionante para o enfrentamento dos desafios educacionais do século XXI. Com a potencialização das chamadas culturas de massas, que se solidificaram ainda em meados do século passado sob a égide da indústria cultural, a educação escolar também passou a ser sobremaneira impactada, tema que, em meados do século passado, foi objeto de profundas análises e diversas publicações pelos filósofos frankfurtianos Adorno e Horkheimer (1947)[2].

[2] Primeiros representantes da Escola de Frankfurt, em meados do século passado, empreenderam uma vasta obra acerca do embate ideológico entre a educação e a cultura de massa, cunhando, então, o conceito de indústria cultural pelo qual, segundo estes autores, a sociedade seria vítima de um processo de alienação cada vez mais sedimentado, em virtude do capitalismo tardio e do controle midiático sobre as pessoas.

A sociedade tecnológica vive em constante efervescência diante da avalanche a que foi submetida em virtude do advento dos choques midiáticos, oriundos da cultura digital. Para Turcke (2010), esta cultura se transformou em uma "sociedade excitada". Assim, a tarefa docente se vê, de um lado, amparada tecnologicamente pelos recursos didáticos que se tornam facilitadores em potencial e, por outro lado, esses mesmos recursos podem voltar-se contra sua tarefa docente, pois as representações fetichizadas a distanciam do imediato de seu aluno, dificultando, muitas das vezes, as relações mediadoras entre ambos.

Discorrendo sobre o enfrentamento dos grandes desafios pelos quais as políticas educacionais vêm sendo direcionadas a partir das décadas finais do século passado, buscou-se, prioritariamente, desenvolver uma análise de caráter histórico-sociológico acerca do universo caipira e suas representações culturais, por meio de experiências apreendidas dentro do ambiente de ensino, bem como possibilitar a criação de novas expectativas sobre essa metodologia.

No artigo, objetivou-se conjecturar as possibilidades pedagógicas de natureza intra e extra classe, abstraindo uma temática característica da comunidade na qual o aluno está inserido e procurando estabelecer relações entre a sua historicidade e o contexto histórico no âmbito da totalidade social. Também se entendeu que essas possibilidades possam significar apropriação de conhecimento pelo aluno, contanto que este possa evoluir de um universo abstrato coercitivo para uma capacidade reflexiva sobre a qual se constrói o concreto pensado (Kosik, 2011).

Na hipótese aventada neste artigo, infere-se que a educação básica carece de um maior investimento pedagógico, essencialmente, na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA), sobre o qual se efetivem estudos de natureza sócio-histórica, em que se possa conjeturar uma maior proximidade entre o objeto e a realidade dos estudantes. Estes últimos são atores conformados por um recorte temporal e espacial, portanto a conjunção de elementos vivenciados por outras gerações que, por sua vez, se tornam também potenciais objetos de estudo, tão caros às tradições culturais da memória local, enriquecendo, assim, o produto de estudos com tal abordagem.

Para tanto, priorizou-se a abordagem por meio de uma análise reflexiva sobre os desdobramentos socioculturais em uma região de traços "caipira"[3], cujo trabalho, desenvolvido com alunos de uma escola

[3] Reporta-se, aqui, ao fato de que a localidade em questão, inserida no Extremo Noroeste Paulista, teve seu processo de colonização de natureza capitalista efetivado somente a partir de meados do século passado, determinando, assim, certa continuidade dos elementos constituintes da chamada cultura caipira.

inserida neste contexto, representou a materialização de uma metodologia voltada para a valorização das tradições locais, sem prejuízo para o entendimento global demarcado pelo currículo escolar.

No texto, também se discorreu sobre a análise do gênero caipira a partir de suas representações conceituais, no intuito de instigar a valoração dos elementos pelos quais se estruturam a partir do núcleo interiorano do estado de São Paulo, perpassando as fronteiras dos estados adjacentes da União. Assim, procurou-se acentuar que as tradições do caipira representam, antes de tudo, o entendimento das contraposições entre modelos econômicos díspares[4], atribuindo, destarte, a historicidade ao estudo.

A abordagem crítica é fundamentada a partir das transmutações pelas quais se encaminhou o gênero caipira dentro das prerrogativas do capitalismo delineado pela indústria cultural. Como objetivo central deste trabalho, propôs-se conjecturar, no ambiente de ensino escolar, a argumentação construtiva de um olhar consciente, pelo qual o aluno possa enxergar-se como parte de um mundo determinado pelas ações humanas objetivas, mas, sobretudo, pelas ações subjetivas.

Considerações sobre o universo caipira

A imagem apresentada sobre o morador do meio rural acompanhou, historicamente, a característica do pensamento seletivo da sociedade republicana brasileira durante o início do século XX. A representação de uma identidade cultural no Brasil situa-se dentro de um contexto singular, isto é, um país cuja gênese social foi marcada pela aglutinação de uma grande diversidade de elementos culturais que, ainda hoje nas comunidades interioranas, apresenta toda a simbologia de um mundo rural, cujas práticas rudimentares permaneceram até as primeiras décadas do século XX. A fase anterior a este período, sistematizada dentro dos propósitos da estrutura colonial, não coloca o interior paulista no contexto das representações exploradoras de caráter mercantilista[5] empreendidas pelo colonizador europeu no território brasileiro.

[4]Está-se reportando à representação do estilo caipira em muito oriundo de um modo de vida com base na necessidade de sobrevivência na natureza, do isolamento em relação aos grandes centros urbanos, no sentido de solidariedade social e na religiosidade local. Por outro lado, tem-se a convivência destes elementos em uma sociedade inserida em outro momento histórico marcado pelo advento globalizante das tecnologias digitais de informação e comunicação e da subjetividade alinhada à hegemonia mercadológica.

[5] O mercantilismo com base na exploração colonial por meio da *plantation* (séculos XVI a XVIII) não colocou, na sua rota, os empreendimentos daqueles que seriam o embrião do caipira, ou seja, a ação dos bandeirantes que, em sua avidez, acabaram

Ressalta-se que, nos primórdios da formação cultural do estilo caracterizado como um habitante do sertão, portanto, um sertanejo, as insinuações preconceituosas já transbordavam nas palavras de cronistas viajantes que retrataram o Brasil quando estes se voltam para os habitantes locais. É o caso do naturalista francês Saint-Hilaire, que esteve no Brasil durante o século XIX, quando externou seus comentários considerados etnocêntricos, como se pode perceber na citação de autoria de uma pesquisadora que levanta este aspecto.

> Esses homens, embrutecidos pela ignorância, pela preguiça, pela falta de convivência com seus semelhantes e, talvez, por excessos venéreos primários, não pensam: vegetam como árvores, como as ervas do campo. À primeira vista, a maioria deles parecia ser constituída por gente branca, mas a largura de suas faces e a proeminência dos ossos destas traíam, para logo, o sangue indígena que lhes corre nas veias, mesclado com o da raça caucásica (Setúbal, 2005, p. 34).

Evidencia-se que essa imagem considerada depreciativa atribuída ao caipira de então contrasta com os relatos a respeito dos desbravadores que teriam trazido a "civilização" ao sertão paulista. Enquanto os primeiros seriam totalmente desprovidos de uma "alma disciplinadora" e, por conseguinte, culpados de sua própria miséria, os seguintes teriam trazido, em sua essência, a bravura dos fortes, alardeada principalmente por meio de histórias que, depois, seriam contadas em forma de melodias nas "modas caipiras"[6].

Assim, o alargamento das novas prioridades econômicas dentro dos padrões de uma economia de mercado que se ajusta à região do longínquo interior paulista[7] trouxe, também, uma nova realidade pela qual este "ser quase que animalesco", segundo observadores europeus, teria que se estabelecer dentro de uma nova roupagem social já nas primeiras décadas do século passado. A partir de então, suas aspirações são direcionadas para uma forma de vida um pouco mais abastada: "O progresso chega, engolindo o sertão. No século XX, o homem do campo transmutou-se, camaleônico, envolvido pela cultura

por alargar as fronteiras do território paulista, deixando, sob o mesmo rastro de bravura e ferocidade por onde passaram, as marcas de um estilo de vida rústica, porém, livre em seu espaço de relativo isolamento no meio rural.

[6]Este estilo classificado de caipira traz, no seu repertório, a imagem do pioneirismo rural no qual se propagou o estigma do violeiro caipira, cujas referências se materializam nas performances musicais de nomes como Tião Carreiro e Pardinho, Tonico e Tinoco, Lourenço e Lourival, Liu e Leu, Dino Franco e Moraí e tantos outros.

[7]Trata-se do Extremo Noroeste Paulista, uma região que, seguindo a ordem de exploração econômica priorizada para o estado de São Paulo, isto é, da Capital para o Interior, ainda preserva grande parte dos atributos pelos quais se constituem as tradições caipiras.

do forasteiro, seduzido pelas novidades da civilização, querendo o conforto de alpargatas no lugar dos pés descalços, da roçadeira substituindo a foice" (Nepomuceno, 1999, p. 27).

No estado de São Paulo, a estruturação socioeconômica de natureza rural apresentou um estilo peculiar e dinâmico. O símbolo do caipira, resultado desse dinamismo, é "a forma mais antiga de civilização e cultura da classe rural brasileira, constituída desde os primeiros tempos da colonização" (Queiroz, 1973, p. 8).

Observa-se, também, que o conceito de caipira se remete àquela pessoa cuja atividade cotidiana está ligada ao trabalho rural e, por conseguinte, à vida simplória do homem do campo. Entretanto, essa conotação se estabeleceu como sinônimo da expansão da atividade econômica pelas terras paulistas durante o século XIX, isto é, não havia ainda qualquer tipo de rotulação estereotipada do personagem do caipira, pois, segundo Cândido (1971, p. 83), até então,

> [...] não havia grande diferença nos modos de viver entre os paulistas dos primeiros séculos e o dos bairros caipiras até meados do século XX. Tanto que, até o final do século XIX, os termos "paulista" e "caipira", eram, na prática, equivalentes. Por toda parte [do Estado de São Paulo havia], as mesmas práticas festivas, a mesma literatura oral, a mesma organização da família, os mesmos processos agrícolas, o mesmo equipamento material.

Portanto, guardando as devidas proporções no que diz respeito às práticas cotidianas daqueles que labutam na atividade roceira, o homem do campo trouxe um grande referencial, ou seja, uma espécie de termômetro que acompanhou as transformações nas relações intrapessoais, evidenciando, assim, a percepção do quanto o contexto socioeconômico conduz ao aspecto cultural de uma determinada comunidade, simbolizado pelos elementos pelos quais se reproduzem as tradições caipiras.

Estereótipos acerca do caipira

Ao estabelecer uma proposta de estudo cujo objeto extrapola os currículos oficiais, evidenciou-se que uma das grandes dificuldades para alavancar um estudo acerca das tradições caipiras, dentro de uma situação de ensino, reside na imagem estereotipada criada pela própria sociedade sobre elas. Os apetrechos municiadores dessas manifestações recheadas de preconceitos partiram, em muitas situações, da própria inclinação do segmento intelectual no início do século passado no sentido de justificar, em

parte, o atraso social e econômico do país como sendo fruto de uma sociedade miscigenada – ideia permeada pelo caráter positivista que acompanhou o advento da República como forma de governo no Brasil.

Isso é confirmado na simbologia do personagem caipira, idealizada por Monteiro Lobato na personificação notável do Jeca Tatu (1914)[8], na qual colocava o caboclo como a representação do preguiçoso, indolente e, devido a isso, atrasado por natureza. E acabou por potencializar o estigma da discriminação social pela elite para aquela parcela marginalizada da população brasileira.

Assim, o autor preconizava que

> O sentimento de pátria lhe é desconhecido. Não tem sequer a noção do país em que vive. Sabe que o mundo é grande, que há sempre terras para diante, que muito longe está a Corte com os graúdos e mais distante ainda a Bahia, donde vêm baianos pernósticos e cocos. [...] Vota. Não sabe em quem, mas vota. Esfrega a pena no livro eleitoral, arabescando o aranhol de gatafunhos a que chama "sua graça ". [...] O acto mais importante de sua vida é sem dúvida votar no governo. Tira nesse dia da arca a roupa preta do casamento, sarjão furadinho de traça e todo vincado de dobras, entala os pés n'um alentado sapatão de bezerro [...] vae pegar o diploma de eleitor às mãos do chefe Coisada, que lhe retém para maior garantia da fidelidade partidária (Lobato, 2004, *passim*).

A respeito, ressalta-se que, quando este tentou redimir-se desta fórmula satírica como crítica social, isto é, justificar essa condição como sendo uma responsabilidade do poder público, o estereótipo, já estava sacramentado.

Discorrendo sobre o tema, o pesquisador Judas Tadeu de Campos (2012) mostra como a literatura de caráter oficial se encaminhou para essa vertente rotulante, claramente absorvida pelos rastreadores de constructo social no início do século passado, como no exemplo de Euclides da Cunha quando propagava – mesmo que em outro contexto espacial e cultural – os seguintes dizeres em *Os Sertões*:

> O jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório serão, em breve, tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas. Primeiros efeitos de variados cruzamentos, destinavam-se

[8] Em 1914, Lobato personificou, pela primeira vez, o Jeca Tatu em publicações no jornal *O Estado de S. Paulo*, sendo o artigo "Velha praga" o mais célebre deles. Lobato reportou sua indignação ao uso do fogo e do desmatamento da Serra da Mantiqueira, em São Paulo, envergonhado pela derrubada de árvores nativas (como jequitibás e perobeiras milenares), pela destruição das camadas de húmus e sais preciosos e das aves silvestres, possibilitando o possível advento de pragas e outros agravamentos. O Jeca Tatu representava, à semelhança de Nero na Roma Antiga, uma "velha praga", um parasita avesso à mudança de vida a extorquir a terra (Marques, 2024, n.p.). Lobato "critica o comportamento predador do caipira brasileiro, rompendo com uma tradição de idealização da vida rural, desde o Romantismo tão arraigada na cultura brasileira" – o caipira brasileiro representado por Jeca Tatu, um "ícone do atraso e do anacronismo nacional" (Zilbermanm 2010, p. 141/143).

> talvez à formação dos princípios imediatos de uma grande raça. Faltou-lhes, porém, uma situação de parada ou equilíbrio, que lhes não permite mais a velocidade adquirida pela marcha dos povos neste século. Retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo (Cunha, 2000, p. 1 *apud* Campos, 2012, p. 337).

Dentro do próprio sistema de ensino à época, percebe-se a tentativa de dissociar a capacidade do homem "culto da cidade" da incipiente e ingênua figura pouco civilizada do caipira do campo. É um episódio da mostra de que até um dos maiores responsáveis pelo direcionamento da política educacional do estado de São Paulo seguia essa mesma cartilha. É o caso do inspetor geral de ensino de São Paulo Oscar Thompson. Segundo Demartini (1989, p. 11-12), em edição oficial de 1917, publicou um artigo em que definia as seguintes prerrogativas sobre o ensino:

> As escolas que se destinarem ao caboclo e a seus filhos [...] precisam ter uma organização toda especial. Seu principal escopo não será o trato dos livros, mas sua regeneração moral. [...] A população rural, constituída quase exclusivamente de descendentes de caboclos que se dedicam ao amanho da terra, precisa ter escolas que cuidem, primordialmente, de afastar as causas de seu abatimento moral; levantar-lhes o caráter, dar-lhes hábitos de trabalho.

Procedimentos tais, atualmente em tempos de valoração à diversidade, talvez soassem como um contrassenso nas instituições públicas, entretanto o modelo social arraigado durante a primeira metade do século passado propiciou o desdobramento de uma visão pela qual o país não podia furtar-se aos apegos de uma cultura considerada pobre e rural. Por outro lado, é perceptível, dentro do próprio segmento acadêmico, u'a maior sensibilização e, talvez, uma predisposição em dar maior relevância ao universo caipira através de metodologias de ensino que busquem dar um alento de sintonia entre a História Social e a memória local, metodologias que não são novas, porém, pouco valorizadas na escola.

Essa dicotomia entre o atrasado e o moderno, embora recorrente, *a priori* não se justifica. Prado Júnior (2011, p. 7-8), em *Formação do Brasil Contemporâneo*, afirmava que,

> Salvo em alguns setores do país, ainda conservam nossas relações sociais, em particular as de classe, um acentuado cunho colonial. Entre outros casos, estas diferenças profundas que cindem a população rural entre nós em categorias largamente díspares; disparidade que não é apenas no nível material de vida, já inteiramente desproporcionado, mas, sobretudo, no estatuto moral respectivo de uma e outras e que projeta inteiramente para o passado.

Evidencia-se nas palavras do historiador, cujo método de análise se ocupa do conceito marxista de classe, portanto, materialista, que as prioridades econômicas não deixavam muitas alternativas para este

desapossado de seu próprio espaço de sobrevivência, ou seja, a posse da terra conduzida de forma direcionada, seja por meio da legislação (Brasil, 1850 - Lei de Terras), seja por imposições com base na força, definiu, assim, o *status* de um sertanejo cujas simbologias históricas foram determinadas, também, pelas suas condições materiais de existência. Assim, a capitalização da propriedade rural não alterou o ordenamento social no campo, ao contrário recrudesceu a realidade de penúria do camponês, constituindo-se em uma categoria social quase marginal quanto aos novos empreendimentos mercadológicos, o que lhe custou estereótipos do tipo atrasado, preguiçoso ou coisa que o valham.

Também como contraponto a essa condição estereotipada do caipira, credita-se a Antônio Cândido, na obra *Os parceiros do Rio Bonito* (1975), um maior dimensionamento do caipira como parte de uma sociedade rural, até mesmo pela natureza de seus estudos acadêmicos, os quais, segundo Luiz Antônio Guerra, repaginaram a Sociologia Rural, quando esta ganhou uma amplitude acadêmica inédita até então. Este trabalho, para além de uma tese de doutorado, se tornou o grande referencial para o estudo do caipira como um estilo de vida peculiar quanto à sua natureza histórico-social e cultural: "Antônio Cândido influenciou uma série de estudos sobre as populações do campo focada no bairro rural, ao mesmo tempo que forneceu uma interpretação abrangente da formação social de parte significativa do Brasil, inserindo-se na tradição do pensamento social brasileiro" (Guerra, 2022, p. 241).

Para Cândido (2010), a disponibilidade de terras, e não a sua posse, foi o elemento determinante da condição um tanto marginal do caipira, pois este perambulava sempre em uma conjuntura de retrocesso, à medida que, ao ser deslocado de uma localidade para outra – já que lhe ceifaram a posse da terra – se dava um novo recomeço na forma de lidar com a terra para prover o seus sustento mesmo que de maneira precária.

> [...] uma característica importante da antiga vida caipira era a presença de terras disponíveis que desempenhavam papel duplo e de certo modo contraditório. De um lado, constituíam fator de reequilíbrio, na medida em que permitiam reajustar, sempre que necessário, situações tornadas difíceis economicamente pela subdivisão da propriedade, devido à herança, ou pela impossibilidade de provar os direitos sobre a terra. Estes fatores, aliás, eram mais poderosos como estímulo à mobilidade do caipira do que a instabilidade pura e simples, que se tem querido explicar, inclusive como decorrência da mestiçagem com o índio; mas cujas principais determinantes são sociais, sobrelevando o caráter precário dos títulos de propriedade. A posse, ou ocupação de fato da terra, pesou na definição da sua vida social e cultural, compelindo-o, frequentemente, ao *status* de agregado, ou empurrando-o para as áreas despovoadas do sertão, onde o esperava o risco da destruição física, ou a anomia social. A respeito desta, invoca-se quase sempre como causa a preguiça, que seria um traço fundamental do caipira e responsável pelo baixo nível de vida (Cândido, 2010, p. 98).

Este fragmento se torna revelador quanto ao *status* social depreciativo deferido ao caipira. Ao negar-lhe o direito sobre a posse da terra, exaure-se, também, sua possibilidade de agregar valores econômicos em seus empreendimentos, uma vez fora das políticas públicas e da dinâmica do mercado muito em virtude de sua condição descapitalizada. Resta-lhe, então, o trato rudimentar da terra, cujo manejo se dá em consórcio com o lazer como a caça e a pesca, entretenimentos que se tornam o complemento nutricional essencial para sua própria sobrevivência, a despeito de se obterem adjetivações do tipo preguiçoso e/ou vadio.

A conclusão desse segmento do universo caipira acaba por transportar essa visão para outro contexto econômico, político e social pelo qual se projetou o direcionamento de um Brasil mais urbano, industrializado e, por conseguinte, supostamente mais moderno, após a década de 1930.

Atualmente, a sociedade mostra evidentes sinais de amadurecimento em relação a seus estigmas preconceituosos, entretanto o universo cultural em que se assentam a identidade e a memória de uma localidade se torna por demais obsoleto diante de um ambiente inundado pelos aparatos tecnológicos. No entanto, este último aspecto acaba por ser uma espécie de trampolim entre a era midiática contemporânea e o universo das tradições caipiras, pois, com apenas um clique, nos transportamos para qualquer tipo de elemento representativo do gênero, essencialmente, o audiovisual em que as imagens dos cenários rurais acompanham o cancioneiro caipira. Sobre este aspecto de transposição da cultura caipira para a sociedade tecnológica se dá a atual experiência pedagógica no ensino básico.

Conhecimento, resistência cultural e cidadania por meio do universo caipira

Oriundas do universo sertanejo raiz, a chamada cultura caipira perpassa seu ambiente rural no qual se projetou e ganha destaque por intermédio das mídias, sendo este, por si só, um aspecto que merece a atenção de quem tem como ofício fomentar a produção e apropriação de conhecimento através da prática docente. Assim, como já estava previsto nos documentos dos programas nacionais de educação, o conceito de cidadania no contexto de produção e apropriação de conhecimento dentro da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas se engendra por meio da diversidade de aspectos que envolvem os sujeitos históricos através de suas múltiplas facetas culturais. Uma dessas facetas é representada pela memória cultural de um povo e de um local, estabelecendo, assim, o sentido de construção da identidade

social. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) para o Ensino Fundamental (História) traziam, em sua essência, o entendimento por parte do estudante do processo sócio histórico, quando se propõe,

> Possibilitar ao aluno refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com problemáticas históricas inerentes ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sociedade nacional e mundial. Uma das escolhas pedagógicas possíveis, nessa linha, é o trabalho favorecendo a construção, pelo aluno, de noções de diferença, semelhança, transformação e permanência (Brasil, 1998, p. 34).

Talvez essa construção da identidade social seja explicitada no documento de Brasil (1998) em muitas situações que até mesmo se contrapõem às deliberações legais responsáveis pela implementação do currículo. Por outro lado, esse mesmo currículo, representado pelo conjunto de ações desenvolvidas em um ambiente de aprendizagem, pode ser enriquecido por meio do direcionamento de parte da prática docente para a valorização das tradições da memória cultural local, sobretudo, em turmas que estão em séries avançadas do ensino básico.

Para tanto, a proposta de reconstrução da identidade social dos diferentes agentes históricos, cujos fundamentos estão embasados nas relações sociais e culturais de uma localidade, vai ao encontro de propostas do uso de diferentes linguagens para a análise das representações culturais manifestadas nas tradições populares por meio das narrativas cantadas e contadas.

Não obstante o desenrolar das reformas educacionais nas duas décadas seguintes aos PCNs tenham ocorrido de forma ainda mais enviesada para o mercado neoliberal e para a cultura digital, na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018), ratifica-se que,

> No Brasil, um país caracterizado pela autonomia dos entes federados, acentuada diversidade cultural e profundas desigualdades sociais, os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais (Brasil, 2018, p. 15).

Assim, as possibilidades de viabilização de produção e apropriação de conhecimento em aulas de Ciências Humanas com a valorização da cultura local devem ser precedidas de uma análise criteriosa, pois, ao se embrenhar por esse caminho, o papel investigativo que deverá trazer o embasamento da produção

final tem de deixar transparecer o protagonismo das turmas envolvidas, caso contrário, o trabalho docente perde a sua função maior, ou seja, incutir no universo de jovens estudantes o conceito de diversidade cultural do qual eles são os sujeitos históricos e, portanto, atores de sua trajetória histórica.

Por outro lado, entende-se que o "conhecimento concreto", abstraído por meio do universo caipira, passa pelo entendimento da identificação sociocultural por parte do estudante e deve ter o propósito de trazer o sentido de historicidade. Trata-se de estudo pelo qual o aluno possa comparar as referências culturais de gerações atemporais envolvidas neste contexto (passado/presente), buscando elucidar conceitos como rupturas e/ou permanência. Em outras palavras, propiciar que a escola como instituição cultural possa estimular a apropriação de uma identidade histórica, oportunizando espaço para o desenvolvimento da cidadania. Assim, a reflexão crítica tão cara à análise sócio-histórica está no sentido de situar o compromisso objetivado na educação escolar como um contraponto à alienação cultural e social.

Longe de representar uma metodologia inédita, o que se propôs neste estudo foi vivenciar um leque de abordagens culturais na comunidade escolar por meio das representações características da cultura de uma determinada localidade. Importante ressaltar que o produto de uma determinada linha de ação pedagógica não deve desconsiderar a proposta oficial que norteia o currículo escolar, ao contrário, a primeira se apresenta como uma alternativa de entendimento diversificada da segunda.

Entende-se, ainda, que esse conjunto de significados das tradições da cultura local, em que se buscou viabilizar um projeto de ensino pelo qual escola e sociedade são capazes de enriquecer este mesmo currículo, torna-se *sine qua non* para uma síntese de criticidade à ordem essencialmente mercadológica da nova indústria cultural contemporânea que, muitas vezes, em compasso com o mercado de inovações midiáticas e da cultura digital, acaba por desfigurar um importante legado de cultura tradicional de uma localidade.

Infere-se que a acessibilidade digital representou, em parte, o empobrecimento do poder de análise crítica, pois disseminou a compulsividade e, ao mesmo tempo, a cumplicidade entre o consumismo e a indústria cultural. É a sistematização da sensação tecnológica pela qual cada indivíduo se sente visto por meio de seus próprios transmissores midiáticos. É reproduzindo a configuração mercadológica da indústria digital e de suas campanhas publicitárias, que as mídias sociais atuam nas pessoas como propaganda de si mesmas: "Mesmo em todas as formas de interação humana vale o seguinte: quem não

chama a atenção constantemente para si, quem não causa uma sensação corre o risco de não ser percebido" (Turcke, 2010, p. 37).

Assim, como avalia o autor, a ordem do capitalismo financeiro sustenta o aparato mercadológico pelo qual se estigmatiza o processo de alienação e, muitas vezes, o sujeito se desvincula da objetividade de formação, ou seja, ele não constrói uma consciência emancipada sobre o próprio tempo de existência.

Destarte, a escola que se instrumentaliza com os recursos tecnológicos deve apresentar estas novas linguagens como fonte de disseminação de conhecimento, caso contrário, o prazer imediato tecnológico em posse do estudante pode sucumbir o sentido de apropriação de saberes. Para Turcke (2010, p. 38), "quem quer pertencer à sociedade tem que treinar como andar ereto, dizer frases inteiras, lavar-se, ler, calcular, escrever – puras habilidades que, por mais prazerosas que possam ser em casos específicos, nunca entrariam no repertório humano sem coação".

As transformações pelas quais foi construída a sociedade tecnológica se projetam também como espaço de reflexões sobre o sentido das práticas educacionais em um contexto midiático. A alienação se estabelece no cotidiano das pessoas e no universo educacional, à medida que as ações subjetivas se orientam preferencialmente pelo aparato imediato da mídia. O autor de *Sociedade Excitada* compara o sistema publicitário mercadológico com a própria representação social contemporânea, pois a generalização vigente "faz com que a estridente mensagem econômica seja ouvida junto com outro tom, de cunho existencial, no preponderante 'compre-me', na suave súplica do 'receba-me, perceba-me, reconheça-me', para que possa simplesmente ser" (Turcke, 2010, p. 39).

Isto posto, estruturou-se a ideia de que a abordagem das representações históricas de uma comunidade de traços predominantemente caipiras pode significar um contraponto e resistência à falta de reflexões críticas sobre o contexto sociocultural contemporâneo marcado pela hegemonia da cultura digital. Pois, se a evolução tecnológica se tornou irreversível a concepção conceitual do "capitalismo tardio"[9], a escola se apresenta como espaço cujos atores viabilizam aos estudantes reflexão e entendimento da nova realidade socioeconômica, pautada nas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs).

[9] "Capitalismo tardio" é expressão que, segundo Turcke (2010, p. 35), Adorno ainda usava nos anos de 1960 sem qualquer hesitação para indicar uma fase que, caso a revolução microeletrônica se tenha imposto algum dia completamente, dará, provavelmente, a impressão de um estágio inicial.

Possibilidades pedagógicas em uma comunidade de traços caipiras

Quando se pensou em uma estratégia pedagógica na qual se poderia levar adiante uma proposta de prática docente sedimentada nas tradições caipiras para um ambiente de apropriação de conhecimento, buscou-se um entendimento entre a realidade do tecido social da comunidade escolar e a possibilidade de sua materialização, tendo como um dos objetivos cruciais estabelecer uma forma de valorização da memória cultural local e regional, sem perder de vista a interatividade e contextualização macro-histórica.

Na idealização da proposta de estudo das tradições caipiras, também se pensou em propor e viabilizar outro segmento para o estudo das CHSA, no qual a comunidade escolar possa estar integrada em um conjunto de significados sociais e culturais. Os referenciais presentes nas letras de canções raízes e nos testemunhos das memórias vivas seriam possibilidades de interagir com as inovações tecnológicas, sem perder de vista a preservação do patrimônio cultural, alinhado aos conceitos e valores locais.

É neste ponto que já se depara com um dos elementos desafiadores para o intuito de levar adiante um estudo sócio-histórico referenciado nas representações locais e regionais. Para Barbosa (1998, p. 2)

> Uma série de problemas turvam a emergência de uma História Local e Regional que tenha um estatuto próprio e claramente definido perante o conhecimento histórico como um todo. De um lado, a crítica baseada no desconhecimento, fruto do preconceito que tende a depreciá-la como uma história de preocupações menores, virtualmente debilitada por sua íntima relação com "superficialidades" localistas e regionalistas; de outro, a insuficiência das definições e explicações levadas a cabo por parte considerável dos historiadores do local e do regional.

Esse embate representou, também, uma nova possibilidade para que se pudesse incutir, na estrutura conservadora dos estudos históricos durante o ensino básico, certo discernimento sobre os significados presentes no cotidiano de cada aluno, visto que são atores sociais e, portanto, passíveis de autoidentificação na construção de conhecimento histórico, sobretudo na formação de uma consciência realmente capaz de refletir criticamente.

A proposta referendada pelo estudo da memória local e regional denominada Cantadores e Contadores de História – Memória Local e Regional teve, em seu desenvolvimento teórico e empírico, o

direcionamento para alguns recortes temáticos, como a religiosidade e a musicalidade manifestas nos elementos culturais da linhagem caipira, tendo, nas representações midiáticas de natureza audiovisual, um aspecto de grande impacto no âmbito das rupturas e permanências da cultura caipira[10].

A religiosidade e a musicalidade representam uma simbologia determinante de uma região caipira, enquanto as mídias trazem argumentos tanto para os meios de acesso a qualquer acervo cultural quanto para o sentido da crítica social acerca do contexto mercadológico, assimilados por estudantes do ensino básico. Assim, o sentido da religiosidade aliada à musicalidade passa a ter uma relevância muito grande no *continuum* das tradições caipiras, sobretudo no Extremo Noroeste Paulista. Portanto, esse pode ser o capital cultural de uma comunidade caipira, pois as práticas comunitárias geralmente se manifestam com base na comunhão de diversos gêneros culturais como trabalho, valores e lazer.

Segundo Brandão (1983, p. 46 *apud* Rodrigues, 2006, p. 3),

> [...] os caipiras dos sertões de São Paulo souberam desenvolver um modo de vida regido [...] por códigos extremamente criativos de relações baseadas no trabalho, no respeito mútuo, nos valores da fé religiosa do catolicismo camponês, na honra e na solidariedade [...] [que] invadem o cotidiano de trabalho, os dias de festa, as modas de viola, os rituais devotos dos mundos do sertão.

Esses elementos agregam um conjunto de significados que se convencionou chamar de capital cultural. Na materialização da proposta de estudo, optou-se por estabelecer uma sincronia entre as tradições caipiras e a mídia eletrônica, sobretudo a mídia.

As representações do caipira se apropriam das experiências vividas por todo e qualquer integrante da comunidade e, assim, se estabelece um elo entre o passado e o presente através dos signos memoriais: “Trata-se de viver um espaço de pertencimento no qual a modernidade não consiste em começar tudo de novo, mas no sentir-se enraizado, pertencendo, apropriando-se de uma herança das gerações anteriores e reelaborando-a” (Setúbal, 2005, p. 88).

A herança aqui consiste em uma conjugação de elementos culturais diversificada, pois, se o caipira traz na sua gênese a miscigenação, portanto, estereotipada, ela também significa para os habitantes da região uma comunhão na preservação de suas raízes, seja do sertanejo de origem, seja do imigrante que,

[10] Na estruturação e desenvolvimento das atividades, priorizaram-se a vivência e os testemunhos de sujeitos que pertencem à comunidade rural e urbana locais, enfatizando, assim, o sentido de Memória e Cultura Local e Regional.

embora não sendo um caipira, assimila esses elementos, sobretudo através da religiosidade presente no cotidiano de uma região caipira.

Segundo Costa (2009, p. 99), "o caipira, em meio aos avanços dos interesses das relações de mercado, ainda preservou alguns traços de uma vida singular, nunca deixando de lidar com a terra, nunca perdendo seus traços religiosos que os manteve [*sic*] interligados" [...]. Esse sistema de comunhão pelo qual se constitui a manutenção das tradições locais se reveste de intenções e interações durante o calendário de festas em uma região caipira, ou seja, dentro do universo caipira a diversão e a devoção caminham juntas.

Segundo Martins (1975, p. 34), as manifestações de memória referem "[...] o esforço que o agente faz para reconstituir seu universo simbólico no próprio contexto urbano, apropriando-se positivamente de determinadas mensagens culturais que, embora produzidas na cidade, recorrem a modos rústicos de estruturação da experiência". Portanto, a grande estrutura do espetáculo midiático e mercantilizado, na qual a música moderna do estilo sertanejo denominado "universitário" está inserida, mutila, em parte, a representatividade do sertanejo raiz, porém, é desta forma que se materializa este *continuum* do mundo caipira, camuflado, agora, em outra etapa marcada pela hegemonia da cultura digital.

Para Setúbal (2005, p. 75), "tradições são quebradas e re-elaboradas, recriadas de modo que possam continuar legitimadas e incorporadas no imaginário social. Existe uma seleção daquilo que pode permanecer, do que se vai recriar e do que se vai esquecer". Para executar esse tipo de seleção, a indústria digital se estabelece na metodologia da semiformação cultural, à medida que os estilos se vão adaptando ao mercado fetichizado. A autora completa que, "desvinculada de sua realidade, das cerimônias e dos rituais que antes a acompanhavam, a música sertaneja é produto da indústria cultural de massas" (*ibidem*).

Corroborando o entendimento das atribuições pedagógicas cujos procedimentos se encaminham para a valorização das tradições da cultura local, o pressuposto dimensional do trabalho docente ganha força em seu papel que pode ser determinante para a valorização da História e Memória local, sem perder de vista seus propósitos quanto à apropriação de conhecimento em dimensões globais.

Ressalta-se, ainda, que o enfoque de qualquer proposta metodológica deve considerar a sua aplicabilidade de acordo com as peculiaridades regionais e locais: a utilização de determinadas estratégias significa que, em alguns momentos, o professor deverá buscar, na comunidade escolar, parcerias pelas

quais as atribuições poderão encaminhar-se para a construção de um importante acervo de memória da cultura local. Importante, também, é direcionar esses procedimentos de forma a construir uma sólida noção de movimentos caracterizados por continuidades ou rupturas e os questionamentos oriundos dessas características.

À guisa de conclusão: desafios e potencialidades

Ao propósito atribuído no presente trabalho, procurou-se estabelecer alguns significados pelos quais se foi construindo e solidificando a ideia de destinar, dentro da atividade educativa tradicionalmente demarcada pelos currículos oficiais, que esta seja complementada por um método que também privilegia as raízes culturais de uma determinada comunidade. No caso, buscou-se avaliar até que ponto os aspectos referenciais de uma comunidade de traços caipira poderiam dar sustentabilidade à produção e apropriação de conhecimento. Evidenciou-se que tais metodologias exigem, por parte de docentes e estudantes, uma mediação intra e extra curricular pela qual, ao longo do desenvolvimento do trabalho, desde a sua idealização até o produto final[11], se deparou com situações desafiadoras.

Ressalta-se, ainda, que esses desafios se encaminham para possibilidades pedagógicas se os mesmos forem articulados por meio de um contrato didático-pedagógico, cujos interlocutores da comunidade escolar envolvidos com o trabalho se sintam protagonistas dentro das situações de estudo. O resultado de uma proposta de ensino pautada na mediação, sobretudo quando envolve gerações equidistantes, na maioria das vezes, é atemporal, pois o aprendizado, que acontece de forma subjetiva, vai relativizar a apropriação do conhecimento por alunos do ensino básico.

Entretanto, devem-se mensurar, em uma situação de estudo, os aspectos quantitativos e qualitativos delineados durante seu desenvolvimento. Partindo do pressuposto de que o aparato tecnológico midiático contemporâneo possibilita ao aluno que busque e acesse com facilidade um grande contingente de informações, pode-se inferir que se alcance o aspecto quantitativo. Para que essa

[11] Corroborando o caráter de continuidade da proposta de estudo e enriquecimento curricular, o projeto de ensino Cantadores e Contadores de História expandiu-se e ganhou novos engajamentos com o incentivo cultural e institucional do Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI), ligado ao Fundo Nacional de Desenvolvimento Educacional (FNDE), possibilitando o desenvolvimento de suas ações até dezembro de 2018, uma vez que o programa e órgão financiador do projeto foram extintos pelo Ministério da Educação (MEC) no início de 2019. O produto final constituiu-se na produção de mídia audiovisual versando sobre exposição dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes em dia temático, culminando com a apresentação da Orquestra de Violeiros local.

quantidade de informações se transforme em apropriação de conhecimento, porém, é imprescindível que o aluno tenha noções importantes do conceito de totalidade na qual o tema de estudo se insere.

Portanto, para que se concretize um avanço qualitativo nesse tipo de estudo no qual as tradições de uma região de traços caipiras se contrapõem ao contexto midiático contemporâneo, mais que obter informações sobre o universo caipira, faz-se necessário uma reeducação no sentido de também programar no aluno uma alfabetização crítica midiática. “A educação midiática deve ser relacionada à educação para a democracia, na qual se estimulam os alunos a serem participantes informados e letrados midiáticos em suas sociedades” (Kellner; Share, 2008, p. 709). Assim, a interatividade entre o contexto midiático e o sujeito pode representar autonomia social por meio da prática docente e do trabalho educativo. Para os autores (*ibidem*), “a alfabetização crítica da mídia deve ser um fio comum que passe por todas as áreas curriculares, uma vez que se refere à comunicação e à sociedade”.

Dessa forma, pode-se inferir que o ensino escolar se apresenta como uma possibilidade de agregar, ao seu conjunto de ações formativas, o referencial de apropriação conceitual da historicidade de um povo e de um local, pautado em uma compreensão do universo em sua totalidade. Assim, a própria busca pela sobrevivência coagiu o homem a mudar as suas relações com a natureza e consigo mesmo e, hoje, a revolução tecnológica e o sentido existencial se projetam de forma “reificada”, reproduzidos por meio de “sensações midiáticas e imagéticas” (Turcke, 2010).

Concorda-se, também, com que uma escola formativa e emancipadora não pode deixar que a imagem substitua a palavra, pois, como acentuou Kraus (1986, p. 291 *apud* Zuin, 2006, p. 87), “quanto mais de perto se olha a palavra, para mais distante ela remete de volta o olhar”. Assim, nas argumentações apresentadas neste trabalho, pensou-se em potencializar o sentido de construção do pensamento reflexivo por meio da análise da concepção histórica subjetiva e objetiva, como um contraponto ao estigma da alienação.

Isto posto, acentua-se que, no desenvolvimento do trabalho, se propôs dar sustentação a uma proposta de estudo dentro do ambiente de ensino, transpondo, em parte, as amarras dos programas oficiais e qualificando o currículo escolar por meio do envolvimento social da comunidade escolar em suas raízes culturais. Assim, o caráter pedagógico sobre o qual se congregam as análises conceituais de rupturas e permanências com as vivências materializadas na própria localidade potencializa-se nas representações

sócio-históricas da chamada cultura caipira, cujos atores se encontram de forma contextualizada, inseridos, também, no objeto de conhecimento.

Referências

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BARBOSA, A. S. A propósito de um estatuto para a história local e regional: algumas reflexões. *In*: SEMANA DE HISTÓRIA DA UNESP/FRANCA, 12., 1998, Franca. **Anais [...]**. Franca: UNESP, 1998.

BRASIL. [Lei de Terras (1850)]. Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850. Dispõe sobre as terras devolutas do Império. **Coleção das Leis do Império do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 57, 1850.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. 600 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: história. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. 108 p.

CAMPOS, J. T. Uma pesquisa pioneira para a compreensão da cultura caipira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 305-308, set./dez. 2012.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2010. 284 p.

COSTA, D. R. **A sobrevivência de traços da cultura caipira no nordeste paulista**: lembranças do Districto de Crystaes. 2009. 188 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2009.

DEMARTINI, Z. B. F. Cidadãos analphabetos: propostas e realidade do ensino rural em São Paulo na Primeira República. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 71, p. 5-19, nov. 1989. *apud* CAMPOS, J. T. Uma pesquisa pioneira para a compreensão da cultura caipira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 305-308, set./dez. 2012.

GUERRA, L. A. Os significados de caipira. **Tempo Social**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 239-256, maio/ago. 2022.

KELLNER, D.; SHARE, J. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e reconstrução da educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 104, p. 687-715, out. 2008.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 9. reimpr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

KRAUS, K. **Aphorismen**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986. *apud* ZUIN, A. A. S. A vingança do fetiche: reflexões sobre indústria cultural, educação pela dureza e pelo vício. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 71-90, jan./abr. 2006.

LOBATO, M. **Urupês**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MARQUES, V. P. M. A. À procura do Jeca Tatu. **Le Monde Diplomatique Brasil**, [S. l.], 24 set. 2024. Disponível em: https://diplomatique.org.br/a-procura-do-jeca-tatu. Acesso em: 18 jan. 2025.

MARTINS, J. S. **Capitalismo e tradicionalismo**: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975.

NEPOMUCENO, R. **Música caipira**: da roça ao rodeio. São Paulo: Editora 34, 1999.

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 444 p.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Bairros rurais paulistas**: dinâmica das relações bairro rural-cidade. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

RODRIGUES, F. Por uma aproximação entre demografia e cultura: deslocamentos populacionais, representações sociais e festas folclóricas no estado de São Paulo na década de 2000. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., 2006, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ABEP, 2006.

SETÚBAL, M. A. **Vivências caipiras**: pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista. São Paulo: CENPEC, 2005.

SOUZA, L. M. de. Os desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII. *apud* CHAVES, E. A. **A música caipira em aulas de História**: questões e possibilidades. 2006. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

TÜRCKE, C. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

ZILBERMAN, R. Monteiro Lobato e suas fases. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 36, p. 141-152, jul./dez. 2010.

Licença Creative Commons – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CCBY-NC4.0)

Como citar este artigo:

LIMA, Getúlio de Souza. Cultura caipira: rupturas e permanências e suas potencialidades educacionais no Ensino Básico. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 23, 2026. Disponível em: https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/11489. Acesso em: dd mmm. aaaa.

Financiamento: O estudo não recebeu financiamento.

Contribuições individuais: Conceituação, Metodologia, Recursos, Software, Visualização, Curadoria dos Dados, Investigação, e Escrita – Primeira Redação, Análise Formal, Administração do Projeto, Supervisão, Validação, e Escrita – Revisão e Edição: Getúlio de Souza Lima.

Declaração de uso de Inteligência Artificial: Durante a preparação deste trabalho, o autor afirma não ter utilizado recursos ou serviços de Inteligência Artificial e assume total responsabilidade pelo conteúdo da publicação**.**

Revisor: Amadeu Jesus Pessotta (Revisão de Língua Portuguesa e ABNT).

Sobre o autor:

GETULIO DE SOUZA LIMA é graduado em História e Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales, é Mestre e Doutor em Educação Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras - UNESP de Araraquara. Atualmente, é vinculado e desenvolve trabalhos no Grupo de Estudos e Pesquisas em Teoria Crítica: Tecnologia, Cultura e Formação CNPQ da FCL/UNESP-Araraquara e atua como docente titular nos cursos de História e Pedagogia, onde também coordena o Centro de Documentação e Pesquisa - CDP no Centro Universitário de Fernandópolis – UNIFEF.

Recebido em 17 de julho de 2024
Versão corrigida recebida em 08 de abril de 2026
Aprovado em 27 de outubro de 2026